

A PESQUISA-AÇÃO COMO FORMA DE INVESTIGAÇÃO NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Luiz Gustavo Bonatto Rufino – UNESP Rio Claro

Suraya Cristina Darido – UNESP Rio Claro

Resumo

A pesquisa-ação é uma ferramenta metodológica com potencial de utilização em pesquisas de cunho qualitativo. A Educação Física escolar, nos últimos anos, tem buscado novas formas de pesquisar o papel do professor e da prática educativa no âmbito escolar e a pesquisa-ação representa uma possibilidade metodológica. Neste trabalho, buscou-se analisar a pesquisa-ação enquanto possibilidade de pesquisa na área da Educação Física escolar, relacionando com o que já foi pesquisado na área, através da análise da produção acadêmica sobre Educação Física escolar e pesquisa-ação. Conclui-se que a pesquisa-ação pode ser uma ferramenta de auxílio às pesquisas na área da Educação Física escolar, embora o número de pesquisas-ações ainda seja baixo, sendo necessários mais estudos sobre pesquisa-ação e a Educação Física escolar.

Palavras- chave: Educação Física escolar, pesquisa-ação.

Abstract

Action research is a methodological tool used in qualitative research with great potential. Nowadays, School Physical Education has sought new ways of researching the role of teacher and the educational practice in schools and action-research represents a methodological possibility. In this study, we sought to examine action research as a possibility for research in School Physical Education by presenting some general considerations, relating to what has already been researched in the area. For that, we examined the academic production in School Physical Education and action research. We concluded that the action-research can be a helpful tool in researches in School Physical Education. However, the number of action-researches is still low and is necessary more studies about action-research and School Physical Education.

Keywords: School Physical Education, action research.

INTRODUÇÃO

De acordo com Bracht (1993) a pesquisa na área da Educação Física mudou a partir da década de 1970 devido a algumas iniciativas, elencadas pelo autor como: criação e implantação de cursos de pós-graduação, incentivo à capacidade docente, financiamento e fomento de pesquisa científica, dentre outros (BRACHT, 1993, p. 111).

Para isso, o Governo Federal realizou, dentre outras ações: apoio a formação de professores no exterior, principalmente nos Estados Unidos, estabeleceu convênios e intercâmbios com universidades e centros de pesquisas no mundo todo e a implantação de laboratórios de pesquisa, sobretudo na área de fisiologia. Entretanto, segundo o autor, o fomento às pesquisas tinha como objetivo garantir a eficiência do sistema esportivo, numa relação quase simbiótica entre Educação Física e Esporte (BRACHT, 1993, p. 111).

Bracht (1993) afirma ainda que, até a década de 1970, havia um predomínio das “subáreas” da medicina esportiva, da fisiologia e da cineantropometria, ou seja, a Educação Física sofria uma forte influência das ciências naturais. Porém, a partir de 1980, verificou-se um

crescimento do número de pesquisas das áreas pedagógica e sociocultural, influenciadas pelas ciências sociais e humanas (BRACHT, 1993, p. 112).

No âmbito pedagógico, área denominada de Educação Física escolar, a história foi semelhante. De acordo com Darido (2003), a Educação Física na escola foi influenciada pela concepção higienista e eugenista, enfatizada pela figura dos médicos. Entretanto, a partir da década de 1980 outras concepções passam a fazer parte das aulas de Educação Física, denominadas pela autora de “tendências” da Educação Física escolar (DARIDO, 2003), já com forte influência das ciências humanas.

Betti (2009, p. 226) também constata que a pesquisa em Educação Física escolar, a partir da década de 1980, foi marcada por uma grande produção de ensaios teóricos, estudos filosóficos, históricos e pedagógicos.

Atualmente, há uma série de pesquisas de caráter qualitativo na área da Educação Física escolar. Em relação às formas de pesquisa, uma das possibilidades é a pesquisa-ação, forma de pesquisa que segundo Barbier (2007) se inscreve no desdobramento histórico da sociologia tendo, por um lado, como preocupação, a revolução epistemológica e, por outro, a eficácia política e social.

Elliot (1993) afirma que o paradigma da pesquisa-ação permite superar as lacunas existentes entre a pesquisa educativa e a prática docente, ou seja, resolver o problema da relação entre teoria e prática (ELLIOT, 1993, p. 170).

Nesse estudo, objetivou-se analisar a pesquisa-ação enquanto possível ferramenta metodológica para pesquisas na área da Educação Física escolar. Para isso, além da contextualização sobre as formas de pesquisa em Educação Física escolar, buscou-se analisar as concepções sobre a pesquisa-ação, analisando-se também o número de artigos científicos publicados em alguns periódicos da área da Educação Física que utilizaram esta forma de pesquisa.

A PESQUISA-AÇÃO

De acordo com André (2003), a abordagem qualitativa de pesquisa originou-se no final do século XIX quando os cientistas sociais começaram a indagar se o método de investigação das ciências físicas e naturais que se fundamentava numa perspectiva positivista de conhecimento, deveria continuar servindo como modelo para o estudo dos fenômenos humanos e sociais (ANDRÉ, 2003, p. 16).

Dentre as formas de pesquisas qualitativas, a pesquisa-ação possui grandes possibilidades de aplicação, contribuindo em diversas áreas, como, por exemplo, a escolar. Thiollent (2008) afirma que a pesquisa-ação é um método ou uma estratégia de pesquisa que agrega várias técnicas da pesquisa social, com as quais é estabelecida uma estrutura coletiva, participativa e ativa ao nível da captação da informação. Para o autor uma pesquisa pode ser qualificada como pesquisa-ação quando houver realmente uma ação de caráter “não-trivial” por parte das pessoas envolvidas no problema observado.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2008, p. 14).

O autor afirma que pela pesquisa-ação é possível estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de consciência que ocorrem entre os agentes durante o processo de transformação da situação (THIOLLENT, 2008, p. 21).

Thiollent (2008), entretanto, reconhece que a pesquisa-ação ainda está em fase de discussão e não é objeto de unanimidade entre cientistas sociais e profissionais das diversas áreas. O autor acrescenta que a pesquisa-ação procede de uma busca por alternativas ao padrão de pesquisas convencionais visando facilitar a busca de soluções aos problemas reais para os quais os procedimentos convencionais têm pouco contribuído.

Dessa forma, a pesquisa-ação, além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro, que nem sempre se encontra em propostas de

pesquisa participante. Objetiva-se assim, dar aos pesquisadores e grupos de participantes os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, em particular sob forma de diretrizes de ação transformadora (THIOLENT, 2008, p. 11), evidenciando-se assim, o caráter político da pesquisa-ação. Para o autor:

O principal objetivo da pesquisa-ação não é apenas o entrosamento da pesquisa e da ação (...). A principal questão é: como a pesquisa (...) poderia tornar-se útil à ação de simples cidadãos, organizações militantes, populações desfavorecidas e exploradas? (FRANCK APUD THIOLENT, 2008).

Há dois tipos de objetivos em torno da pesquisa-ação: o objetivo prático, que visa contribuir para o melhor equacionamento possível do problema considerado como central na pesquisa e o objetivo de conhecimento, que visa obter informações que, por meio de outros procedimentos, não seria possível (THIOLENT, 2008, p. 20).

Barbier (2007) argumenta que a pesquisa-ação é uma forma de pesquisa na qual há uma ação deliberada de transformação da realidade, possuindo um duplo objetivo: transformar a realidade e produzir conhecimentos relativos a essas transformações. O autor afirma que na pesquisa-ação não se trabalha *sobre* os outros, mas sim *com* os outros. Ela requer do pesquisador ser mais que um especialista: por meio da abertura concreta sobre a vida social, política, afetiva, imaginária e espiritual, ela faz um convite para que ele seja verdadeiramente, e talvez, tão simplesmente, um ser humano (KRISHNAMURTI apud BARBIER, 2007).

É impossível dissociar o caráter político da pesquisa-ação. Barbier (2007) afirma que a pesquisa-ação é eminentemente pedagógica e política. Ela serve à educação do homem cidadão preocupado em organizar a existência coletiva da cidade. Ela pertence por excelência à categoria da formação, ou seja, a um processo de criação de formas simbólicas interiorizadas, estimulado pelo sentido do desenvolvimento do potencial humano (BARBIER, 2007, p. 19).

Para o autor, a pesquisa-ação obriga o pesquisador de *implicar-se*. Ele percebe como está *implicado* pela estrutura social na qual ele está inserido e pelo jogo de desejos e de interesses de outros. Ele também *implica* os outros por meio do seu olhar e de sua ação singular no mundo. Ele compreende, então, que as ciências humanas são, essencialmente, ciências de interações entre sujeito e objeto de pesquisa (BARBIER, 2007).

Na pesquisa-ação, é criada uma situação de dinâmica social radicalmente diferente daquela da pesquisa tradicional. O processo, o mais simples possível, desenrola-se frequentemente num tempo relativamente curto, e os membros do grupo envolvido tornam-se íntimos colaboradores (BARBIER, 2007, p. 56).

Barbier (2007) classifica a pesquisa-ação como “libertadora”, pois os grupos que a utilizam são responsabilizados pela sua própria emancipação. Para o autor:

A pesquisa ação torna-se a ciência da práxis exercida pelos técnicos no âmago de seu local de investimento. O objeto da pesquisa é a elaboração da dialética da ação num processo pessoal e único de reconstrução racional pelo ato social. Esse processo é relativamente libertador quanto às imposições dos hábitos, dos costumes e da sistematização burocrática. A pesquisa-ação é libertadora, já que o grupo de técnicos se responsabiliza pela sua própria emancipação, auto-organizando-se contra hábitos irracionais e burocráticos de coerção (BARBIER, 2007, p. 59).

Segundo Pereira (1998), a característica mais marcante da pesquisa-ação consiste nela se modificar continuamente em espirais de reflexão e ação, e que, ao invés de se limitar a utilizar um saber existente (o que caracterizaria a pesquisa aplicada), busca mudanças no contexto concreto e estuda as condições e os resultados da experiência efetuada.

Para Franco (2005), a característica mais importante da pesquisa-ação é propor um processo integrador entre pesquisa, reflexão e ação, retomado continuamente sob forma de espirais cíclicas, de modo a propiciar adequados tempos e espaços para que a integração pesquisador-grupo possa se aprofundar.

Pereira (2007) também relaciona a pesquisa-ação ao processo contínuo de modificações dos espirais de reflexão e de ação, onde cada espiral inclui: aclamar e diagnosticar uma situação prática ou um problema prático que se quer melhorar ou resolver; formular estratégias de ação; desenvolver essas estratégias e avaliar sua eficiência; ampliar a compreensão da nova situação

(situação resultante) e proceder novamente os mesmos passos para a nova situação prática (PEREIRA, 2007, p. 162).

Franco (2005) afirma ainda que a pesquisa-ação pretende conhecer a realidade social, foco da pesquisa, de modo a transformá-la. O conhecimento que a pesquisa-ação deve buscar é o conhecimento da pedagogia da mudança da práxis (p. 490).

A QUESTÃO DO RIGOR METODOLÓGICO

O fato da pesquisa-ação ser uma forma alternativa de pesquisa em comparação com a pesquisa tradicional clássica não significa que ela não leva em consideração o rigor metodológico dos procedimentos realizados que, mesmo mais flexíveis, devem atentar-se para os critérios estabelecidos. O rigor da pesquisa ação repousa na coerência lógica empírica e na política das interpretações propostas nos diferentes momentos da ação (BARBIER, 2007, p. 60).

Com relação à questão do rigor, Thiollent (2008) afirma que a pesquisa-ação é insuficiente quando desprovida do questionamento próprio à pesquisa científica, (CHARASSE apud THIOLLENT, 2008, p. 22). O autor considera que o desafio metodológico da pesquisa-ação é inseri-la dentro de uma perspectiva de investigação científica (THIOLLENT, 2008, p. 22).

Para Thiollent (2008, p. 27) pensar a pesquisa-ação como um tipo de atividade escolhida por pesquisadores que não entendem de metodologia e nem querem se submeter às suas exigências é uma concepção errônea que não corresponde à realidade.

Thiollent (2008) afirma ainda que alguns grupos veem na pesquisa-ação o perigo do rebaixamento do nível de exigência acadêmica. Existem efetivos riscos e exageros na concepção e na organização de pesquisas alternativas: abandono do ideal científico, manipulação política, etc. Nosso desafio consiste em mostrar que tais riscos, que também existem em outros tipos de pesquisa, são superáveis mediante um adequado embasamento metodológico. (THIOLLENT, 2008, p. 10).

Para Thiollent (2008) toda pesquisa é permeada pela perspectiva intelectual, pelos objetivos práticos, pelo quadro institucional, pelas expectativas dos interessados nos seus resultados, etc. Os pesquisadores não são neutros nem passivos.

Barbier (2007) corrobora com esta visão ao relatar que as técnicas de pesquisa não são “neutras”. Elas veiculam um sentido oculto em termos de poder e de saber a respeito do mundo. O pesquisador em pesquisa-ação tem a preocupação de ser compreendido e de poder agir eficazmente com não-especialistas (BARBIER, 2007, p. 125).

De acordo com Barbier (2007) o cerne do problema situa-se na questão da mudança. A pesquisa-ação visa sempre uma mudança, termo que não é sempre fácil de precisar. O autor ainda afirma que a pesquisa-ação não se mantém presa aos cânones da sociologia, mas aceita ser interdisciplinar, enxergamos prontamente os limites de seu caráter experimentalista (BARBIER, 2007, p. 45).

A cada momento, controle e avaliação não são somente o feito dos pesquisadores profissionais, mas pedem a participação e a reflexão de todos. Mais do que nunca, uma pesquisa-ação visa à emergência de capacidades ao mesmo tempo de solidariedade e de responsabilidade (BARBIER, 2007, p. 124- 125).

Thiollent (2008) relata algumas diretrizes metodológicas para a pesquisa-ação. Segundo este autor, a pesquisa-ação é uma forma de experimentação em situação real, na qual os pesquisadores intervêm conscientemente. Os participantes não são reduzidos a cobaias e desempenham um papel ativo e, sendo assim, as variáveis não são isoláveis.

Thiollent (2008) constata também que é possível conceber dispositivos de pesquisa social, com base empírica, nos quais em vez de separação, haja um tipo de co-participação dos pesquisadores e das pessoas implicadas no problema investigado, sem ser necessário, com isso, abandonar o que o autor denomina de “espírito científico” (THIOLLENT, 2008, p. 25). O autor ainda evidencia que por ser muito mais dialógico do que o dispositivo de observação convencional, o dispositivo da pesquisa ação pode parecer menos preciso e menos objetivo (THIOLLENT, 2008, p. 25).

Thiollent (2008) considera a pesquisa-ação como um método que concebe e organiza uma pesquisa social de finalidade prática que esteja de acordo com as exigências próprias da ação e da participação dos atores de situação observada. Para exemplificar esta afirmação, o autor afirma que a metodologia representa uma “bússola” esclarecendo as decisões dos pesquisadores por meio de alguns princípios de cientificidade (THIOLLENT, 2008, p. 28).

Para Thiollent (2008) a pesquisa-ação não é uma estrutura simples, enquadrável em poucas fórmulas conhecidas. Tal estrutura contém momentos de raciocínio de tipo inferencial (não limitado às inferências lógicas e estatísticas) e é moldada por processos de argumentação ou de “diálogo” entre vários interlocutores.

A pesquisa-ação opera a partir de determinadas instruções (diretrizes) relativas ao modo de encarar os problemas identificados na situação investigada e relativa aos modos de ação (THIOLLENT, 2008, p. 36). Segundo o autor, essas instruções possuem um caráter bem menos rígido do que as hipóteses da pesquisa tradicional. Geralmente, as ações são realizadas através de reuniões e seminários nos quais participam pessoas de diversos grupos implicados na transformação, pode mesclar com outras técnicas, mais tradicionais de pesquisa como observações, entrevistas, dentre outras (THIOLLENT, 2008, p. 22).

Betti (2009) afirma que se o projeto da produção de conhecimento científico é político e o objeto de pesquisa é construído, é necessário a partir daí atentar para as questões do rigor metodológico na condução das pesquisas, assim como é preciso buscar ligações entre conhecimentos, confrontar teorias em busca de maior capacidade explicativa, etc.

Barbier (2007) aponta uma série de “rigores” que devem ser considerados nas pesquisas-ações, como: o rigor do quadro simbólico (no qual a expressão do imaginário e do desdobramento da implicação podem se produzir); o rigor da avaliação permanente da ação; o rigor dos campos conceituais e teóricos; o rigor da implicação dialética do pesquisador (pois o pesquisador está ao mesmo tempo presente com todo o seu ser emocional, sensitivo, axiológico, na pesquisa-ação e presente com todo seu ser dubitativo, metódico, crítico, mediador enquanto pesquisador profissional); dentre outros (BARBIER, 2007, p. 69-70).

Visando facilitar a compreensão das diferenças mais explícitas entre a pesquisa tradicional e a pesquisa-ação criou-se um quadro que ilustra as principais diferenças entre estes tipos de pesquisa, baseados nas idéias de Barbier (2007):

Principais diferenças metodológicas entre a pesquisa tradicional e a pesquisa-ação, baseadas nas concepções de Barbier (2007):

QUESTÕES	PESQUISA CLÁSSICA	PESQUISA-AÇÃO
Formulação dos problemas	Necessária a formulação de hipóteses e problemas que nortearão a pesquisa.	Não precisa formular hipóteses e preocupações teóricas. Os problemas nascem, num contexto preciso, de um grupo em crise. O pesquisador o constata-os e não os provoca.
Coleta de dados	Realizadas de forma controlada. Utilizam-se critérios de reprodutibilidade e confiabilidade.	As questões são pertinentes à coletividade inteira e não as de uma amostra representativa. Os instrumentos são mais interativos e implicativos.
Avaliação	É dada de forma predominantemente quantitativa.	Os dados são retransmitidos à coletividade, a fim de conhecer sua percepção da realidade e de orientá-la de modo a permitir uma avaliação mais apropriada dos problemas detectados.
Análise e interpretação dos	Os resultados são adquiridos através dos procedimentos de coleta de dados.	Os resultados são produtos de discussões de grupo. Exige uma linguagem acessível a todos. O traço principal da pesquisa ação impõe a comunicação dos resultados da

dados		investigação aos membros nela envolvidos, objetivando a análise de suas reações.
Resultados	Visa submeter os resultados encontrados a fim de divulgá-los.	Submete os resultados, previamente negociados dia a dia entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, a toda a coletividade para provocar a avaliação. A coletividade passa, então, à determinação das “possibilidades de melhoria”.

Quadro 1: diferenças metodológicas propostas por Barbier (2007) entre a pesquisa clássica e a pesquisa-ação.

Numa pesquisa-ação, a teoria decorre da avaliação permanente da ação (BARBIER, 2007, p. 143). Barbier considera ainda que: “uma pesquisa-ação chega ao fim quando o problema inicial é resolvido, se é que pode realmente sê-lo (...) uma pesquisa-ação, mais do que outra pesquisa, suscita mais questões do que as resolve. Ela incomoda os poderes estabelecidos” (BARBIER, 2007, p. 145- 146).

Sendo assim, mais do que responder aos anseios e elucidar as dúvidas, a pesquisa-ação é uma metodologia que instiga, possibilitando que ocorra o ato de “*implicar*” (BARBIER, 2007) entre pesquisadores, colaboradores pesquisados e problemas investigados.

A PESQUISA-AÇÃO E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Para Thiollent (2008, p. 79), atualmente, há maior disponibilidade em pesquisas-ações no âmbito educacional talvez, devido às desilusões de muitos profissionais com os métodos de pesquisa tradicionais.

Nos aspectos correspondentes à Educação Física, Betti (2009) reconhece que é necessário mais rigor metodológico nas pesquisas “qualitativas” da área. O autor afirma que há algumas lacunas na pesquisa qualitativa em Educação Física, como: ignorar outros estudos sobre o tema abordado, prestar pouca atenção para critérios que visam aumentar a credibilidade da pesquisa, pouca preocupação em discutir a possibilidade de transferibilidade, dentre outras (BETTI, 2009, p. 247).

Para Betti (2009), nada impede que pesquisas dedicadas a investigar a prática pedagógica em Educação Física possam ser rigorosas e sistemáticas, atendendo, assim, aos requisitos da tradição científica. O que é “rigoroso” e “sistemático”, e o que é “tradição científica” não decorrem de conceitos universais e imutáveis, e deve ser objeto de debate. O autor reconhece que falta debate epistemológico e metodológico na Educação Física brasileira (BETTI, 2009, p. 247).

Betti (2009) considera a pesquisa-ação a melhor alternativa para articular o projeto de Educação Física escolar (apropriação crítica da cultura corporal de movimento) com a meta da ciência (produzir conhecimento no confronto com o mundo). O autor admite também que a pesquisa-ação ainda apresenta a vantagem de romper com as tradicionais relações de poder pesquisador-pesquisado, minimizando o risco “tecnocrático”, o autoritarismo do discurso científico que se pretende superior aos outros saberes/ conhecimentos (BETTI, 2009, p. 321).

De acordo com Betti (2009, p. 321), na pesquisa-ação, o diálogo permanente com a realidade da qual se originou o projeto – a prática pedagógica e seus atores – reduz o risco de “abuso do saber” por parte dos pesquisadores, em geral professores universitários dos quais se esperam “soluções”.

Bracht et al. (2002) afirma, no entanto, que a pesquisa-ação não deve ser considerada a nova “panacéia” para os problemas da Educação Física escolar, representando a saída para todos os problemas da área. Segundo Betti (2009) a pior de todas as possibilidades seria tornar a pesquisa-ação estratégia única para os programas de educação continuada de docentes da

Educação Básica, ou para sua formação inicial. A pesquisa-ação é um delineamento de pesquisa cujo objetivo é, no contexto de um projeto político-pedagógico, produzir conhecimentos sobre a prática pedagógica (BETTI, 2009, p. 322).

Nos últimos anos, o número de trabalhos que utilizam a pesquisas-ação na área da Educação Física escolar cresceu muito. Bracht et al. (2002) afirmaram que esse aumento inicia-se a partir da década de 1990. Visando evidenciar esse aumento, buscou-se constatar a produção acadêmica na área da Educação Física escolar que abrangesse a pesquisa-ação. Analisou-se o número de trabalhos que utilizaram a pesquisas-ação em cinco periódicos da área da Educação Física escolar, por meio de uma pesquisa na base de dados de cada um desses periódicos. Estes periódicos são caracterizados por aceitarem submissões das mais diversas áreas da Educação Física. São eles:

- *Revista Brasileira de Ciências do Esporte (Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE)*;
- *Revista Pensar a Prática (Universidade Federal de Goiás – UFG)*;
- *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte (Universidade Presbiteriana Mackenzie - RMEFE)*;
- *Revista Motriz (Universidade Estadual Paulista – UNESP Rio Claro)*;
- *Revista Movimento (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRG)*.

Para a pesquisa na base de dados foi utilizada a introdução de duas palavras-chaves: “*pesquisa-ação*” e “*educação física escolar*”. Os artigos que apresentaram ambas as palavras como palavras-chaves, ou durante o resumo ou mesmo durante o corpo do trabalho, foram considerados para a pesquisa.

O quadro 2 mostra o ano de publicação do primeiro artigo da área da Educação Física escolar com a metodologia da pesquisa-ação em cada um dos periódicos analisados.

Ano de publicação do primeiro artigo que utilizou a metodologia da pesquisa-ação na área da Educação Física escolar em cada um dos periódicos:

PERIÓDICO	ANO DE PUBLICAÇÃO DO PRIMEIRO ARTIGO QUE UTILIZOU A PESQUISA-AÇÃO
RBCE	2002
PENSAR A PRÁTICA	2008
RMEFE	2008
MOTRIZ	2006
MOVIMENTO	2002

Quadro 2: ano de publicação do primeiro artigo na área da Educação Física escolar cuja metodologia foi a pesquisa-ação, em cada um dos periódicos analisados. RBCE: Revista Brasileira de Ciências do Esporte; PENSAR A PRÁTICA: Revista Pensar a Prática; RMEFE: Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte; MOTRIZ: Motriz Revista de Educação Física; MOVIMENTO: Revista Movimento.

Constata-se que o início de publicações na área da Educação Física escolar que abrangessem a questão da pesquisa-ação é bem recente. Todas as revistas analisadas datam algum ano da última década. Tanto é que a média de ano de início é, aproximadamente, o ano de 2005, portanto, a utilização da pesquisa-ação enquanto uma ferramenta metodológica de pesquisa-ação na área da Educação Física escolar é bastante recente.

Quanto ao número de publicações encontradas, constata-se ainda uma baixa quantidade de pesquisas-ação sobre a Educação Física escolar. No quadro 3 está descrito o número total de artigos (baseando-se na edição a partir do ano de publicação do primeiro artigo em pesquisa-ação) e o número total de artigos sobre pesquisa-ação sobre Educação Física escolar encontrados em cada um dos periódicos pesquisados.

Número total de artigos e número de artigos em Educação Física escolar cuja metodologia empregada foi a pesquisa-ação encontrados em cada um dos periódicos analisados:

PERIÓDICO	Nº TOTAL DE ARTIGOS (a partir do ano de publicação do primeiro artigo em pesquisa-ação)	Nº DE ARTIGOS QUE EMPREGARAM A PESQUISA-AÇÃO E A EFE*
RBCE	213	3
PENSAR A PRÁTICA	85	1
RMEFE	87	3
MOTRIZ	247	10
MOVIMENTO	244	5

Quadro 3: número total de artigos (baseando-se na edição a partir do ano de publicação do primeiro artigo em pesquisa-ação) e o número de artigos que empregaram a pesquisa-ação na área da Educação Física escolar encontrados nas cinco revistas analisadas.

*EFE: Educação Física escolar.

Do total de 876 artigos encontrados durante o período analisado (que variou em cada um dos periódicos), apenas 22 artigos (2,51%) abrangeram a pesquisa-ação e a Educação Física escolar.

É um número ainda muito baixo sobre uma ferramenta metodológica apresentada de grande valia para a Educação de maneira geral e a Educação Física escolar de maneira mais específica. Entretanto, deve-se ressaltar também que o número de artigos e trabalhos que empregam a metodologia da pesquisas-ação na área da Educação Física escolar tem aumentado nos últimos anos, ilustrando que esta forma de pesquisa ainda está engatinhando para a área da Educação Física, constituindo-se em um método ainda pouco explorado.

COSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Barbier (2007), se por muito tempo o papel da ciência foi descrever, explicar e prever os fenômenos, impondo ao pesquisador ser um observador neutro e objetivo, a pesquisa-ação adota um encaminhamento oposto pela sua finalidade: servir de instrumento de mudança social. A pesquisa ação postula que não se pode dissociar a produção de conhecimentos dos esforços feitos para levar à mudança (BARBIER, 2007, p. 53).

Nos últimos anos, a pesquisa-ação tornou-se uma importante forma de pesquisa em Ciências Sociais, sobretudo no âmbito da educação. Para Thiollent (2008) com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico, pois esta pesquisa promove a participação dos usuários do sistema escolar na busca de soluções aos seus problemas (THIOLLENT, 2008, p. 80).

Com relação à área da Educação Física escolar, ficou evidente que a pesquisa-ação ainda não é uma ferramenta predominantemente presente, conforme constatado no baixo número de artigos encontrados nos periódicos analisados. Entretanto, o número de estudos tem crescido nos últimos anos, tornando possível inferir que a tendência geral é que haja um aumento no número dos estudos que relacionam a Educação Física escolar com a pesquisa-ação.

Betti (2009), afirma que negar o conhecimento científico é subtrair ao professor uma importante fonte de informação. Contudo, aprisioná-lo nos limites da ciência é empobrecer a prática pedagógica, que é sempre mais rica e complexa do que a mais imaginativa teoria científica (BETTI, 2009, p. 324).

Portanto, a pesquisa-ação pode ser uma ferramenta oportuna de produção do conhecimento que seja aplicável na prática pelo professor de Educação Física na escola. Entretanto, deve-se ressaltar que, conforme afirmou Barbier (2007, p. 40): “*estamos longe de uma pesquisa-ação em conformidade com nossas aspirações*”.

A Educação Física escolar ainda não se apropriou de modo significativo das possibilidades da pesquisa-ação enquanto ferramenta de aproximação entre conhecimento e práxis pedagógica, entre rigor metodológico e flexibilidade para a intervenção eficiente e, principalmente, entre produção de conhecimento voltado a dar voz e expressão às minorias

sociais, permitindo que as desigualdades possam ser equiparadas, mesmo que para isso, seja necessário ainda um longo caminho, um caminho ainda não explorado.

Sendo assim, corroboramos com a afirmação de Dubost (apud Barbier, 2007):

A pesquisa-ação é a revolta contra a separação dos “fatos” e dos “valores” que dá um sabor particular à noção de objetividade nas Ciências Sociais (...) É uma tentativa desesperada de transcender a estéril especialização das Ciências Sociais com seu implícito repúdio da responsabilidade humana para com os acontecimentos sociais (DUBOST apud BARBIER, 2007, p. 38).

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2003.

BARBIER, R. A **Pesquisa-Ação**. Brasília: Liber, 2007. Tradução de Lucie Didio.

BETTI, M. **Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação**. Ijuí: Unijuí, 2009.

BRACHT, V. Educação Física/ Ciências do esporte: que Ciência é Essa? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 14, n. 3, p. 111- 118. 1993.

BRACHT, V.; PIRES, R.; GARCIA, S. P.; SOFISTE, A. F. S. A prática pedagógica em Educação Física: a mudança a partir da pesquisa-ação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 9-29. 2002.

DARIDO, S.C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

ELLIOT, J. **El cambio educativo desde la investigación-acción**. Madrid: Morata, 1993.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./ dez. 2005.

PEREIRA, E. M. de A. Professor como pesquisador: o enfoque da pesquisa-ação na prática docente. In: SERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. M. de A. (Org.). **Cartografias do trabalho docente: professor(a)- pesquisador(a)**. Campinas: Mercado das Letras; ALB, 1998. p. 153 – 182.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2008.

i

Luiz Gustavo Bonatto Rufino. E-mail: gustavo_rufino_6@hotmail.com

Suraya Cristina Darido. E-mail: surayacd@rc.unesp.br